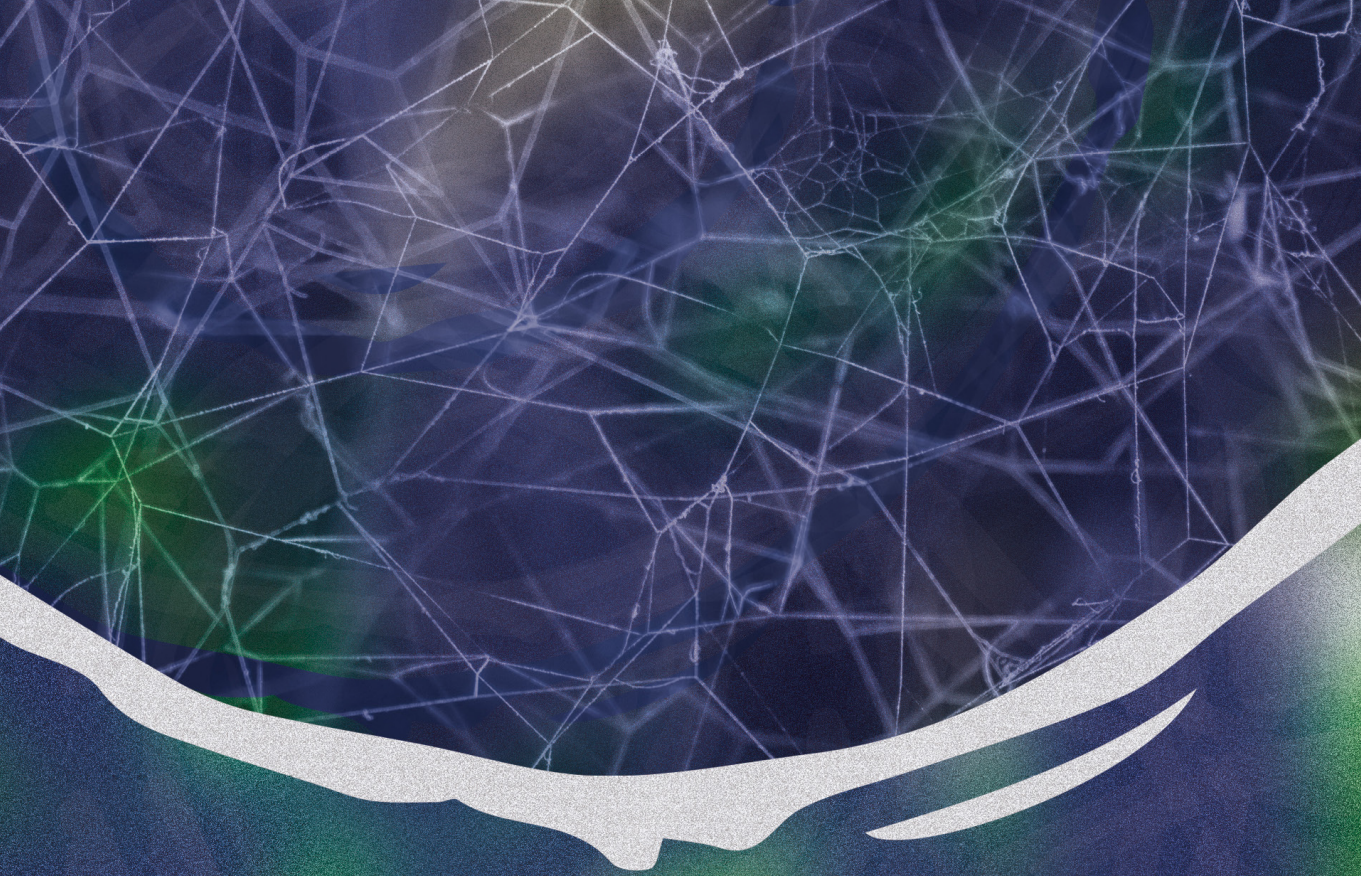


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 2 – Infâncias

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico

Isabel Gomes Aguiar Teodoro

O presente trabalho é um ensaio que visa relacionar a ótica antropológica da Pedagogia, bem como alguns conceitos da área, às vivências diárias e situações comuns. Encontra-se estruturado em duas principais partes. A primeira delas se trata de um relato infantil, criado pela autora do ensaio, no qual o pequeno Vinycius expõe sua experiência no hospital após um acidente e se posiciona contra o tratamento fisioterapêutico. A segunda, por sua vez, explica e estabelece uma proximidade entre a situação descrita com as obras de Carlos Rodrigues Brandão (1985) e de Clarice Cohn (2013), configurando o repertório teórico deste trabalho a partir de algumas das temáticas e dos principais pontos abordados nesses textos.

Descrição de cena

– Bom dia, Viny! Está melhor hoje? Nossa, que carrinho bonito! Ele parece ser bem rápido, igual os de fórmula 1! Você já lanchou hoje? Vou te contar um segredo: a tia pediu para mandarem um bolinho de chocolate especial para você no lanche da tarde. Depois me diz se você gostou, combinado? Ó, um passarinho me disse que hoje a gente vai conseguir mexer sua perninha. O que você acha disso, hein?

A moça de roupa branca disse, tentando me convencer de novo. Achei muito estranho ela ter falado de passarinho, nunca vi nenhum voando ou cantando aqui dentro do hospital. Não respondi nada, só escondi meu rosto na almofadinha azul que tem na minha cama, mas ainda assim a moça não foi embora. Ela parece que nunca vai! Hoje de noite mesmo, quando eu acordei, vi a moça passando no corredor. Nessa hora também ouvi a mamãe conversando com o papai no celular dela. Eu sei que era ele porque reconheci a voz. Ela disse que está triste, porque já faz três semanas que a gente está aqui e eu não participo do tratamento da minha perna quebrada. Na verdade, às vezes ela parece mais brava do que triste, porque uma vez ela disse, com muita raiva, para eu deixar de frescura e colaborar logo com o médico. Eu até queria explicar para ela que não estou de frescura coisa nenhuma, mas não tenho certeza se ela entenderia.

Uma vez eu já vi minha vó falando que as crianças não sabem de nada, sabia? Mas eu não acho. Acho que os adultos é que não sabem. Todo mundo diz que eu não estou ajudando, mas é exatamente isso que eu estou fazendo. O Igor, aquele menino que vende paçoca na mesma rua em que eu vendo as balinhas, quebrou o braço no começo do ano e ficou com aquela faixa amarrada nele. Eu descobri que, mesmo numa sexta, que é o dia em que eu mais vendo, o Igor conseguiu vinte e cinco reais a mais que eu, só porque ele estava com o braço remendado, igualzinho à Emília. Vinte e cinco reais! Dá para acreditar? Eu até reparei que uma hora um moço num carro chique deu dois reais a mais para ele depois de dizer "melhoras com seu bracinho". Sabe, eu não me machuquei de propósito. Na verdade, doeu muito, mais do que na vez que eu ralei o cotovelo jogando bola na escola. Eu só não ajudo nos exercícios porque talvez, se eu não ajudar, eu também fique com a perna remendada e consiga vender mais para ajudar a comprar as coisas da minha irmãzinha bebê, a Gigi. Se eu não aprender a andar de novo, acho que consigo vender mais balinha que no mês passado, que nem o Igor. Tomara que a moça de branco não pense que eu não colaboro porque acho ela chata. Eu até que gosto dela.

Compreensão do caso: uma análise antropológica

Há dois pontos que merecem receber destaque na compreensão dessa situação. O primeiro, muito pesquisado e enfaticamente abordado por Clarice Cohn (2013), é a necessidade de que se reconheça a grande variedade de concepções sobre o que é ser criança e sobre infâncias, determinadas pela pluralidade de contextos sociais, econômicos e culturais, em seus respectivos períodos históricos e espaços geográficos. Cohn demonstra preocupação com o fato de que, no processo de conhecer os diversos tipos de infância, as visões pessoais das próprias crianças sobre essa temática sejam ouvidas.

Vinycius está inserido em uma realidade aqui denominada como "infância do comércio". Não se nega a importância da proteção à criança e que sejam garantidos seus direitos, como o de estudar, mas o que se objetiva enfatizar é a perspectiva antropológica que institui o que é ser criança a partir das vivências particulares de Viny. Para ele, ser criança envolve alcançar lucros. Na narrativa, o menino explica que trabalha para ajudar financeiramente sua família, principalmente depois da chegada de Gigi, sua irmã mais nova. Portanto, o ser infantil de Vynicius se mostra diretamente influenciado por seu contexto social.

A educação tem estreito relacionamento com a aprendizagem, que não necessariamente se desenvolve em instituições de ensino. De acordo com Brandão (1985, p. 9) "a escola não é o único lugar onde ela [...] acontece e talvez nem seja o melhor". Viny carrega consigo alguns aprendizados que o levaram à prática da infância trabalhadora. Para ele, trabalhar não é como uma brincadeira. Esse fato fica explícito quando o menino diz que não quer dar continuidade à fisioterapia para poder lucrar mais. A própria noção de que a perna quebrada renderia mais que se estivesse saudável se trata de um aprendizado adquirido fora da escola por meio da observação atenta de Vinycius em relação ao seu companheiro de profissão.

Inserido nesse universo de negócios, ele domina assuntos como valores, permuta, prejuízo e lucro e tem até noção do dia em que consegue ser mais produtivo em seu trabalho.

Percebe-se então que a necessidade financeira da família cria nele a urgência de aprender a viver uma infância de trabalho. Assim, entende-se que aprender a ser criança e a viver a infância é reflexo do mundo que rodeia cada um desses pequenos grandes indivíduos. Com isso, enfatiza-se também a influência da educação (como aprendizagem contínua) na construção do cotidiano infantil, bem como o próprio conceito do que viria a ser esse cotidiano, caracterizando assim a íntima proximidade entre educação, contexto sociocultural e o que é ser criança. Por isso Brandão aborda a educação como um fenômeno amplo e complexo. Ao mesmo tempo em que depende de contextos pessoais e coletivos, tem o poder de criá-los, recriá-los e reproduzi-los. "Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? educações" (Brandão, 1985, p. 7).

No ambiente hospitalar, Viny tem contato com dois tipos distintos de educação, ambos com diferentes objetivos. Um deles tem o intuito de recuperar plenamente os movimentos da perna da criança a partir de um processo no qual o paciente deve reaprender a utilizar o membro. É imediato e automático que, ao refletir, se considere essa a opção mais viável. Contudo, Vinycius não se decide por essa, pois, no contexto vivido por ele, essa educação não faz sentido. Sem que haja uma ótica antropológica, é espantoso pensar na escolha feita por Viny, entretanto, é sabido que a educação não é universal, "não há uma forma única nem um único modelo de educação" (Brandão, 1985, p. 9). Por ser movida por diferentes circunstâncias, ela não pode ser aplicada da mesma maneira para todas as pessoas no mundo inteiro. Esse fato fica explícito no trecho da carta das seis nações, citado por Brandão, no qual é relatado como a educação dos colonizadores não servia para o dia a dia indígena, pois tinham culturas e práticas diferentes.

Finalmente, ressalta-se a urgência de que se desenvolvam atitudes antropológicas em relação às crianças. Não é raro que crianças sejam ignoradas. "É um alívio falar quando se tem vontade, sem que alguém lhe diga que crianças devem ser vistas e não ouvidas. Já me disseram isso um milhão de vezes, e não apenas uma." (Montgomery, 2019, p. 23). É possível relacionar a situação apresentada no primeiro tópico a essa fala da protagonista fictícia. Vinycius tinha vontade de expressar sua opinião para a mãe, mas não o fazia por receio de não ser compreendido. Que construamos, a partir de um panorama antropológico, qualidade de infância para cada criança, de modo a considerar o que elas têm a dizer e suas respectivas vivências.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO